Anno de 1843. Quinta Feira 18 de Maio Anno XIX. N. 109.

Tudo agora depende de nós mesmos ; da nossa prudencia , moderação e energia continuemos como principiamos , e seremos apontados com admiração entre as Nações mais cultas. (Proclamação da Assembléa Geral do BRAZIL)

PARTIDAS DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna , Parahiba , e Rio grande do Norte , segunda e sextas feiras
Bonito e Garanhuns , a 10 e 24
Cabo , Serinhãem, Rio Formoso , Porto Calvo , Maceió , e Alagoas no 1.º , 11 , e 21
Boa-vista e Flores a 13 e 28. Santo Antão, quintas feiras Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA

15 Seg. s. Isidoro Lavrador. Aud. do J. de D. da 2. v.
16 Terç. s. João Nepomuceno Rel. Aud. do J. de D. da 3. v.
17 Quar. s. Pascoal Baylão F. Aud do J. de D. da 1. v.
18 Quin. Venancio M. Aud do J. de D. da 3. v.
19 Sex. s. Pedro Celestino P. Aud do J. de D. da 2. v.
20 Sab. s. Bernardino de Sena F. Rel. Aud. do J. de D. da 1. v.
21 Dom. s. Mancos B. M.

O Diario publica-se todos os dias que não forem Santificados : o preço da assignatura he de tres mil reis por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que o não forem á razão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas a esta Typ., rua das Cruzes N. 34, ou a praça da Independencia loja de livros N. 6 e 8.

CAMBIOS.—No dia 17 de Maio.

		compra	venda.
Cambio sobre Londres 26 d. por 1U	Ouro-Moeda de 6,400 V.	16,300	16,500
« « Paris 360 reis por franco.	« « « N.	16,700	16,300
« « Lisbôa 100 por 100 de premio.	« « de 4,000	8,900	9,100
	Prata-Patacões	1,880	1,900
Moeda de cobre 2 por cento	« Pezos Columnares	1,840	1,900
Idem de letras de boas firmas 1 ½ a ¾.	« ditos Mexicanos	1,880	1,900

PHASES DA LUA NO MEZ DE MAIO.

Lua Cheia á 13, ás 8 horas e 15 m. da tard | Lua nova á 29, ás 4 horas e 35m. da manh.
Quart. ming. á 21, á 1 hora e 55 m. da m. | Quart. cresc. á 7, ás 6 horas e 5 m. da manh.

Preamar de hoje

1.ª a 7 horas e 42 m. da manhãa | 2.ª a 8 horas e 6 m. da tarde.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

SENADO.

Na sessão do 1.º de abril , depois do discurso do Sr. Vasconcellos publicado na *Sentinella* n. 330, pronunciou-se nos seguintes termos o *Sr. Ministro da Guerra* : —

« O general em chefe atravessou o Camacuan com 4,000 cavallos , que erão os que havia; mas continua a comprar cavallos , e logo que se possa communicar com o Uruguay, poderá receber mais. Entretanto os que tem são sufficientes para com elles abrir a campanha , se é que se achão em bom estado ; porque todos sabem que o costume d'aquelles homens é estragar muito os cavallos. Quasi sempre , quando acaba a campanha , os partidos estão a pé , não porque os cavallos tenhão sido mortos nas acções , mas pela impossibilidade que ha de obrigar aquella gente a andar nos cavallos de modo que os não estropiem. Em outro tempo , quando a subordinação era muito grande , e que até se mandava castigar com pranchadas qualquer soldado que não trouxesse o cavallo a passo, uma vez que o serviço não exigisse maior marcha, elles todavia sempre andavão á galope, e é isso que destróe muito a cavalhada. Por ora, como disse, ha cavalhada para começar as operações ; porém se ella nos faltar , tambem faltará aos rebeldes; e tomaramos nós que elles não tivessem nenhuma , porque então temos nós a superioridade em infantaria.

Apezar do que se tem dito , eu sempre acho que a infantaria é a base de todo o exercito : a infantaria é a arma de todos os tempos ; as estações , quer sejão calmosas , quer sejão frias ou chuvosas , não podem acabar com ella ; a infantaria combate nas planices e nas montanhas. A cavallaria não está n'este caso : ella mesmo quando ha muito bons cavallos , nem sempre póde entrar em combate ; sirva de exemplo o que aconteceu no Rosario, onde um terror panico se apoderou da cavallaria. Mas isto não é agora para aqui. Digo só ao nobre senador que temos cavalhada , e que se tem tomado todas as medidas para que ella não falte.

Eu professo os rigorosos principios da economia e desejo muito seguil-os ; mas n'este ponto não ha economia nenhuma ; sem mobilidade nas forças nada se póde conseguir : no Rio Grande o que tem atrazado as operações tem sido a falta de mobilidade. Não irei agora esmerilhar de que tem procedido esta falta , porque isso não vem ao caso : contentar-me-ei em denunciar esta falta como a causa do atrazo das operações , afim de que para o futuro se evite esse inconveniente.

Perguntou o nobre senador se eu assentava que a G. N. era força additiva ou supplementar. Eu assento que é addittiva , e Deus me livre que o não fosse ! Querem-se fazer grandes cousas com pequenos meios !... oxalá que isso fosse possivel , que não precisassemos d'esses 24,000 homens ! Mas eu assento que precisamos d'elles , isto é , dos 20,000 mencionados no art. 1.º, e dos 4,000 de cavallaria da G. N.

O nobre senador que ha pouco fallou , achou demasiada esta força comparativamente com as das nações da Europa , ainda das mais guerreiras. Já o nobre orador que me precedeu respondeu a alguns dos argumentos que esse nobre senador havia apresentado a este respeito ; elle já mostrou que essas nações não guardavão essa proporção de força quando se achavão em um estado de desordem semelhante áquelle em que nos vemos. Nós temos a guerra civil e outros males que ninguem ignora : as cousas estão de tal sorte organisadas entre nós que succede que , aquelles mesmos que estão encarregados da segurança pessoal dos cidadãos são os que matão livremente , como succedeu na provincia de Pernambuco e no Rio Grande do Norte ! Ora, quando succede isto, ha grande vicio na sociedade , porque o presidente diz : — mandei um capitão , e se elle chegasse a tempo talvez não se tivesse commettido o assassinato ! — Parece pois que em muitos perigos a unica cousa com que se póde contar é com a força bruta militar , e nas circumstancias presentes a força pedida torna-se indispensavel.

Na comparação das forças , feita pelo nobre senador , ha uma reflexão que talvez possa fazer algum peso nos espiritos. O nobre senador disse que a Russia , sendo uma nação tão consideravel, tinha apenas um exercito de 400,000 homens ; mas não contou com os Cossacos do Don, que formão uma especie de republica militar ; nem com varios outros estados mais ou menos independentes. Na Prussia contarão-se 120,000 homens ; mas dê-me o nobre senador 8,000 homens da qualidade d'esses 120,000 , que eu não lhe peço mais força alguma ; porque esses 120,000 homens , á simples voz do monarcha convertem-se em 480,000 , como que , surgindo debaixo da terra ! Mas póde-se fazer isto no Brazil ?... De certo que não.

O nobre senador ha-de recordar-se que eu apresentei um projecto para diminuir a necessidade de grandes recrutamentos. Esse projecto , quando foi lido , mereceu muita attenção da camara , e recebeu muitos apoiados ; mas depois não entrou mais em discussão. Era uma heresia fallar , n'aquelle tempo , em cousas militares !

Disse o nobre senador que na França ha 300,000 homens de tropa. O marechal Soult apresentou um projecto para ter 350,000 homens em tempo de paz; mas como as conscripções de 80,000, em sete annos , que andão em 560,000 , segue-se que ha sempre uma reserva de 260,000 que acode a primeira voz ; estão todos a distancia tal , que se torna isto muito facil , além de que, tal é alli a organisação social , que todos obedecem. Mas entre nós vão dar licença a soldados do Maranhão para irem á sua provincia !... E é por ventura a mesma a nossa organisação social ? Parece-me que não. Temos ainda que trabalhar muito ; e é bom investigar a causa dos nossos males para remedial-os.

O nosso exercito não tem a disciplina que deve têr , mas não podemos emendar as cousas de repetente. Porém, como o exercito não é veterano , e como os recrutas não são bons, qual é a consequencia ? É que , para representar a mesma força , é preciso maior numero. Talvez , se tivessemos o exercito que já tivemos , bastassem 16,000 homens , e elles representassem mais que estes 24,000 ; mas póde-se isso fazer só com os bons desejos e diligencias de alguem ? Creio que não. As cousas entre nós são muito mais dificeis do que nas outras nações.

Se o nosso exercito estivesse todo espalhado entre a Bahia ou mesmo Pernambuco e Rio de Janeiro , muito mais facilmente se organisaria, do que n'essas distancias immensas , para onde se mandão ordens que mal se podem executar ; sendo menor a distancia , as ordens ião com mais brevidade , e a execução podia ser muito rapida. Mas não succede isto , e d'aqui provém muitos males ao recrutamento , males que é bom examinar , não para dizer : — Se vós não tendes feito senão errar , deveis têr esta e aquella sorte ; mas sim para remedial-os.

Quando a França viu a sua independencia abalada , o que fez ? Poz um milhão de homens em armas ! E quantos habitantes tinha então a França ? 24 milhões· aqui temos a razão de um para 24 , e mesmo para muito mais, porque 14 exercitos fazião um milhão de homens , porque n'elles não se comprehendião as forças que guarnecem o interior e as fortalezas do paiz.

O nobre senador contou a policia como força armada ; mas é preciso vêr o que é força de policia. Os nossos corpos policiaes não são exercitos , não tem servido d'isso. Uma ou outra vez tem marchado alguma pequena partida , mas em geral o serviço que fazem os corpos policiaes é muito differente do outro serviço militar , tanto que entre nós esses corpos completão-se voluntariamente ; e para os corpos que compõe propriamente o exercito, quaes são os voluntarios que apparecem ? Aquelles estão em suas casas , tem maiores soldos , tem um serviço moderado , e não correm os perigos que os outros correm. Não se podem por tanto considerar como tropa , e não me parece que devão entrar no calculo que fez o nobre senador. Não ha , pois ; entre a proporção do exercito e população das mais nações, essa grande differença que o nobre senador notou ; mas, haja ou não , temos a guerra do Rio Grande , e não é muita a força que representa esse mappa no estado em que nos achamos. Digo-o claramente : esta força de 24,000 homens não me parece muita. Eu bem desejaria poder reduzil-a; individualmente , tanto se me dá, que se decretem 20,000 como 6,000 , se decretarem 5,000 , 5,000 serão postos ; se 20,000 , pôr-se-ão 20,000. Mas o que sou obrigado a dizer, é que julgo aquelle numero necessario. Este juizo já não é meu, foi do meu nobre antecessor que fez a distribuição das forças. Diz, porém, agora que se poderia fazer o servico com 17,000 homens de linha e 3,000 fóra da linha; talvez o pudesse conseguir, mas eu assento que mais prudente é o têr os 24,000. Elle ainda occupava os guardas nacionaes de infantaria , e esses guardas nacionaes de infantaria quero vêr se os dispenso do serviço ordinario , reservando-os para as circunstancias extraordinarias , quando haja alguma invasão ou commoção interna. Então não se póde a G. N. dispensar de marchar , porque é ella a segurança da nossa propriedade; grande parte da riqueza da nação repousa sobre ella. Mas o que quero é que ella não seja subjeita a impertinencia do serviço diario.

O nobre senador disse tambem que a nação não acompanhava o governo actualmente; que era necessario arripiar carreira , &c. Eu, pela minha parte , não vejo cousa nova. Ha uma rebellião armada com a espada na mão , é precisó que nós com espada , com bayoneta , ou com os projectis offensivos tratemos de a desarmar. A experiencia tem mostrado que as forças até agora empregadas não são sufficientes ; por consequencia , é preciso que ponhamos em campo uma força respeitavel. Se houvesse outra maneira de destruir os rebeldes , de bom grado a adoptaria.

Tem-se tentado o meio da conciliação ; mas qual foi o resultado ? Escarnecerem elles da nossa simpleza , da nossa dignidade. Tratemos de acabar com elles , e veremos restabelecerem-se no Brazil a paz e todos os bens que ella traz e que nós todos tão vivamente anhelamos. O governo não fica atraz dos mais cidadãos brazileiros n'esses desejos. Se a nação não acompanha o governo n'isto ou n'aquillo , é mal muito antigo , porque eu sempre tenho visto a nação não acompanhar o governo , se é que toma pelo voto nacional certos brados, certas opiniões emittidas. Mas eu assento que a boa massa da nação, mais d'esta, mais d'aquella maneira , tem acompanhado o governo. Não temos podido evitar todos os males ; muitas vezes o governo não terá tirado todo o partido da nação ; mas a nação em geral tem corrido ao appello. Eu vi no Rio de Janeiro estremecer tudo com essas desordens... vi em Pernambuco até os estudantes pegarem em armas ; e os estudantes pertencem a parte mais esclarecida da população. Nós temos a rebellião do Rio Grande , temos um estado de incerteza em algumas provincias , apparecem em varios pontos elementos de desordem ; é preciso fazer desapparecer esse estado , esses elementos.... Eu estimarei muito que tudo isto desappareça ; mas , em quanto os vir (talvez que por eu ser soldado) , não descubro presentemente outro meio senão o emprego da força.

Não sei se ha alguma cousa a que não tenha respondido.... »

O Sr. Holanda Cavalcante : — Se em Alegrete ha forças estrangeiras.

O Sr. Ministro da Guerra : — Ha dias recebi officios de tantos de fevereiro , que dizem que nenhuma força estrangeira se achava com os rebeldes até aquella data. Creio que isto é cousa inventada aqui , como se inventou que o exercito do Sul não tinha ponches nem cantis , quando do mappa remettido ao governo consta que o exercito tinha até ponches e cantis de reserva....

O Sr. Ministro da Justiça e dos Estrangeiros diz algumas palavras que se não ouvirão.

O Sr. H. Cavalcante : — O Sr. Ministro dos negocios estrangeiros parece que diz que ha força estrangeira no nosso territorio.

O Sr. ministro da justiça e dos estrangeiros: — O Sr. ministro da guerra diz que unida com os rebeldes não ha força nenhuma estrangeira ; elle não falla do resto do territorio.

O Sr. Cavalcanti : — Então vem pedir hospedagem !

O Sr. ministro da guerra : – Agora quanto a tratados , as gazetas trazem-os. Infelizmente aquella rebellião tem sido alimentada pela Cisplatina ; quando não , teria acabado no Fanfa em 4 de janeiro ; mas de lá é que tem vindo os elementos para os rebeldes fazerem a guerra , especialmense a cavalhada.....

O Sr. H. Cavalcanti : — E sabe-se qual é o numero de tropas estransgeiras que estão no nosso territorio ?

O Sr. ministro da justiça e dos estrangeiros: — Sabe-se que é de 1,500 homens.

O Sr. H. Cavalcanti : — Em que logar ?

O Sr. ministro da justiça e dos eetrangeiros: — Em Alegrete.

O Sr. H. Cavalcanti : — Então estão com os rebeldes.

O Sr. ministro da guerra : — Em 17 ou 18 de fevereiro não havia reunião nenhuma d'elles com tropas estrangeiras.

O Sr. H. Cavalcanti : — Talvez o nobre ministro da guerra não esteja tão bem informado ; essas informações são mais proprias da secretaria dos negocios estrangeiros.

O Sr. ministro da guerra : — Agora, quanto a essa differença de força que os nobres senadores dizem que se nota nos mappas , direi que nunca se entendeu que houvesse 9,000 homens fóra a cavallaria do Rio Grande ; n'esses 9,000 homens está comprehendida a cavallaria da guarda nacional...

O Sr. Clemente Pereira : — Apoiado. — 5,000 e tantos homens são praças de pret de linha ; o resto é cavallaria.»

Na sessão do dia 3, fallando os Srs. Conde de Lages e H. Cavalcanti (que teve uma viva contenda com o Sr. Marquez de Paranaguá, a respeito dos negocios da repartição da marinha) , o Sr. Ministro da Guerra tratou de responder-lhes : toma tambem parte nos debates o Sr. Costa Ferreira e de novo o Sr. H. Cavalcanti , cujas proposições o Sr. Clemente Pereira impugnou.

Continuando na sessão do dia 4 esta discussão, e havendo orado em primeiro logar o Sr. Paula Souza , tomou ainda a palavra para responder-lhe o Sr. Vasconcellos : —

« Sr. Presidente ! Pouco direi em abono das proposições que emitti em outra sessão , contrarias sem duvida ao que acabou de sustentar o nobre senador por S. Paulo. Eu e outro nobre senador que não está presente , sustentamos que não eram quantidades comparaveis — o Brasil e a Europa—quanto ao numero da força ; por isso que o Brasil comprehende uma grande estenção de terreno , e muito pequena população ; e as nações do Europa tênham pelo contrario muita população , e pequena estenção do terreno. E' penso que axioma—que paizes de fronteiras mui vastas e mui pouco povoados são de difficilima defensa.—Não fallarei do equilibrio europeu, nem dos interesses que sustentam esse equilibrio , nem mesmo da maneira , por que elle é considerado pelas nações da Europa ; pouco interessa isto para o nosso caso , e talvez, a têr alguma relação com o Brasil , fosse em favor da opinião que sustento.

Disse o nobre senador , se fosse verdade que a defensa de um estado ; como o Brasil , de grande territorio e acanhada população , exigisse forças muito superiores ás propoções que se dão entre a população e as forças dos estados europeus , então devia ser muito maior do que

é o exercito do Brasil. Sem duvida, eu sou tambem d'esta opinião: se tratassemos de defender as nossas fronteiras, como esses estados da Europa cuidam das suas, não era a força pedida delo governo sufficiente para conseguir este fim. Nós tratamos de habilitar-nos com alguns recursos para defendermos os pontos que forem atacados aqui ou alli. Ora, bem se vê a falta de communicacão que existe entre nós: é necessario termos forças dispostas em differentes pontos do imperio para evitar maiores calamidades.

Eu produzirei só este exemplo; como havemos de defender as nossas fronteiras do Rio Grande do Sul? Diz o nobre senador: — não temos nacão poderosa que nos possa inquietar de modo que nos force a tomar medidas taes quaes parecem desejar os que sustentam a opinião contraria.–Mas eu pergunto se os estados visinhos não nos podem muito inquietar. Os Inglezes teem-se comedido algum tanto a respeito dos Estados-Unidos, e hoje os Estados Unidos já são respeitados pela Ing.; mas os visinhos que mais os tem incommodado são os barbaros, de que elles tem sempre zombado. Estamos nas mesmas circumstancias com os estados visinhos, principalmente o do Uruguay. Eu, Sr. Presidente, não sou d'aquelles que desejam que jámais se incorpore ao imperio do Brasil essa provincia que foi separada d'elle em 1828; mas é um estado que está constantemente ameaçando a tranquillidade do paiz: e a razão é clara: é um estado muito pequeno, não se póde organisar; as revoltas são frequentes, ha-de incommodar sempre os seus visinhos; por conseguinte, ha-de incommodar o imperio do Brasil, se nós não decretarmos medidas apropriadas para o conter em seus limites. Ora, essas grandes e immensas fronteiras do Rio Grande, quasi todas desertas, vejamos se é possivel defendel-as sem ter consideraveis forcas n'aquella parte do imperio. São necessarias fortificações; são necessarias tropas em não pequeno numero para evitar os males das invasões de nossos inimigos. Se a provincia do Rio Grande fosse povoada como qualquer d'esses estados da Europa, é evidente que este perigo não existia: o exercito guardava a proporção que na Europa guarda com sua populacão; e qne exercito não seria? Sem duvida consideravel pois seria proporcional ao numero dos habitantes; mas essa provincia é despovoada, e nós temos de cumprir com o dever que cumpririamos se ella tivesse numerosa população. Portanto, bem se vê que não podemos guardar a mesma proporção que a Europa guarda do exercito para a população.

Mas ha um argumento que se tem produzido, e que me parece que na discussão presente não póde fazer alterar as convicções; porque não sabemos a quanto monta a população do imperio; não temos dados estatisticos para calcularmos o numero de seus habitantes. Por conseguinte a este respeito cada um póde formar o seu juizo, segundo os dados que tem. O que me parece muito conveniente averiguar é se as forças que se pedem são necessarias para as circumstancias extraordinarias em que nos vemos. Eu não sei se em outra occasião disse que nos achavamos em estado de guerra; quiz sem duvida exprimir ou designar as circumstancias extraordinarias do paiz, e perguntava eu se os calculos de comparação dos exercitos da Europa e do Brasil com a respectiva populacão eram feitos com attenção ás circumstancias ordinarias ou extraordinarias. Parece-me que um paiz que se acha em circumstancias extraordinarias, que vê ameaçada a sua existencia, empregara as forças que pode para vencer essas circumstancias extraordinarias, até chegar ao ponto de armar toda a nação, como o nobre senador acabou de dizer que fez a França no tempo da convenção. O exercito, em taes circumstancias, não póde ser comparado com e de outros paizes; seria necessario averiguar primeiro se as circumstancias extraordinarias do Brasil são iguaes áquellas em que se tem visto outras nações da Europa, e então comparar essa força; e ainda assim cumpriria averiguar as faltas que temos de meios de communicação, de estradas, &c.

Disse o nobre senador—que a França, quando chamou toda a sua povoação ás armas, tinha de defender a existencia nacional.—Eu peço ao nobre senador que me permitta declarar que eu vejo ameaçada a existencia do Brasil nas diversas revoltas que tem havido, e que ainda não tem sido vencidas.

Por ventura nos campos do Rio Grande do Sul não se jogam as instituições do Brasil? se se separar a provincia do Rio Grande do Sul, não se separão outras? não será a separação do Rio Grande um exemplo que outras provincias imitarão? não se enfraquecerá o imperio, e não serão arruinadas as nossas instituições? poderemos dizer:—existe nação brasileira—depois que se tiver assim dissolvido o imperio? — Parece que não. Por tanto, as nossas circumstancias são muito criticas, são mui arriscadas não se trata de uma pequena revolta, de uma sedição; a questão que se ventila é, se deve existir a nacão brasileira? E a resolução d'esta questão é hoje mais clara depois que se sabe que até os rebeldes tem tratado com o governo visinho, e que por conseguinte não querem mais pertencer á união brasileira. Se elles tivessem intencão de ser Brasileiros, se não tivessem renunciado á honra de pertencer á nacão brasileira, não teriam elles aceitado a graca extraordinaria que se lhes fez em 1840? aceitaraõ elles a amnistia? Não; escarneceraõ d'ella. O que pretendem elles pois? ser Brasileiros?!

Devo ainda uma vez declarar ao senado que, quando trato de defender objectos que me não tocam pesssoalmente, e em que se póde considerar interessado o governo, não sou o echo do governo, não estou incumbido, nem mesmo rogado fui por uenhum de seus membros, de defender estas ou aquellas proposições; não faço mais do que desempenhar, como entendo, o dever de senador. Esta explicação, eu a julgo necessaria; porque, tendo tocado em diversos pontos que podem ser mal interpretados, como, por exemplo, que os rebeldes do Rio Grande do Sul tem tratado com o estado visinho, não desejo que se entenda que ouvi particularidades do governo a este respeito; ou que n'este caso exprimo as idéas, o sentimento do governo.

O nobre senador disse que o governo tinha conseguido abafar com poucas forças, e sem tantos despendios, todas as revoltas do Brasil até 1837, e que mesmo a revolta do Rio Grande reviveu em principio de 37. Eu não me recordo de toda a historia da revolta do Rio Grande do Sul; mas, segundo a lembranca que conservo de alguns factos, não estão elles em harmonia com a asserção do nobre senador. O nobre senador diz—que, em principios de 37, reviveu a revolta que já tinha sido abafada.—Ora, a republica de Piratinim foi proclamada a 9, ou a 11 de novembro de 1836; não tenho a acta da proclamacão d'essa republica, esta acta ha de existir na secretaria de estado; mas tenho lembrança de ter visto uma carta de corso, passada pelo governo de Piratinim, em que declarava que aquella republica tinha sido proclamada a 11 de novembro de 1836. Mas supponhamos que ficou livre de rebeldes armados toda a provincia do Rio Grande do Sul. Este facto serve-me para provar a necessidade de conservarmos consideravel força no Rio Grande porque todos esses rebeldes que soffreraõ o grande revez do Fanfa retiraram-se da provincia por um lado, e entraram depois por outro, logo que se offereceu occasião, e então conseguiraõ o que se sabe.

Mas disse o nobre senador que essa mesma revolta do Rio Grande não estava em 1837 nas circumstancias em que hoje se acha; naõ declarou se estas circumstancias eram então mais favoraveis do que hoje são para a integridade do imperio....

O Sr. P. Souza: — Eram mais favoraveis em 36.

O Sr. Vasconcellos: — Eram mais favoraveis em 37 á integridade do imperio. E' o que me parece que não é exacto....

O Sr. P. Souza: —Considere o nobre senador o estado geral do paiz, e os seus recursos entaõ intactos, e hoje quasi exhaustos.

O Sr. Vasconcellos: — Eu me refiro ao estado da guerra; o governo naõ occupava senão tres pontos d'aquella provincia; Porto Alegre, Rio Grande e S. José do Norte. Todos estes pontos estavam estreitameute sitiados, de maneira que os viveres custavam muito, eram rarissimos, e naõ se conseguiam senaõ por um preço excessivo. Naõ podia sahir uma força fóra das trincheiras que naõ fosse batida; ainda poucos dias antes de ser augmentada tinham sahido 2,000 homens, e foraõ o seu chefe e uma boa parte d'elles passados á espada. A nossa força, contando todas as praças das guarnições, penso que não montava a mais de 2,000 ou 2500 homens, e quasi toda esta força era da G. N.; hoje parece que sóbe a 11 ou 12,000 homens, pelo menos a 11,000. As circumstancias pois parece serem hoje muito mais favoraveis á integridade do imperio do que erão entaõ.

Se fossemos a considerar o todo do paiz, entaõ outro seria o nosso juizo; eu o considero só pelo lado da guerra....

O Sr P. Souza: —Naõ o deve só considerar por este lado.

O Sr. Vasconcellos: — Reconheço que as nossas cousas naõ tem marchado bem, ao menos como era do esperar; mas naõ attribuo todas as nossas calamidades só ao systema governativo, isto é, ao poder executivo....

O Sr. P. Souza: — Só a elle naõ.

O Sr. Vasconcellos: —Entendo que os nossos erros tem sido gravissimos, e que nos temos descuidado das cousas mais importantes....

O Sr. P. Souza: — Apoiado.

O Sr. Vasconcellos: — Nós passamos de um governo colonial, absoluto e portuguez..... quando se falla em governo absoluto, deve-se accrescentar—colonial e portuguez....

Os Srs. P. Souza e Alves Branco: —Apoiado.

O sr. Vasconcellos: — Qual devia ser o nosso primeiro cuidado? Era harmonisar a nossa instrucção com as instituições que acabavamos de adoptar; porque, se os governos absolutos com razão se receião das luzes do povo, os governos livres com razão devem recear-se da ignorancia do mesmo povo. Os governos livres crião muitas necessidades, que só podem ser satisfeitas quando a massa da nação é esclarecida; estabelecem muitas faculdades, muitos direitos que, não se sabendo exercer, tornão-se flagellos dos povos. O que fizemos nós? temos trabalhado como cumpria para que nossas instituições fação todo o bem, em esclarecer a massa do paiz? As discussões da tribuna não podem muitas vezes ser um perigo nas circunstancias em que nos achamos?

Eu folgo de ver a liberdade com que cada representante da nação emitte na Europa a sua opinião; nenhuma consideração o contém, elle abre o seu coração sem nenhum escrupulo; mas quando a massa da nação não está sufficientemente esclarecida, a tribuna não póde muitas vezes comprometter o seu socego, a sua felicidade? por ventura a tribuna espera escrupulosa pela occasião propria para revelar direitos? será por ventura uma obrigação, que possa ser bem desempenhada pelos representantes da nação espreitar as opportunidades de revelar este ou aquelle direito?!....

Como eu via que marchavamos sempre no systema de desenvolver os direitos politicos, esquecendo-nos do auxiliar indispensavel, para que elles pudessem fazer a felicidade publica, encostei-me ao que então se chamou REGRESSO. Pareceu-me conveniente que deixassemos de nos occupar exclusivamente da politica; julguei que era tempo de nos occuparmos da outra parte essencialissima do systema constitucional—o derramamento das luzes. —Não se tem dado, porém providencia alguma a tal respeito, e continua-se com o mesmo systema!

Diz-se: — faça-se a lei das eleições para evitar os males que o paiz está soffrendo. — Mas a lei das eleições remediará algum dos males que o paiz soffre? Sem que a massa da nação aprecie estes direitos, sem que bem os conheça para os poder apreciar, esperamos que a lei das eleições evite os males! O que temos presenciado até o presente n'esse ramo do governo? — Não sejão mais habeis para deputados os presidentes das provincias. — Cessará por ventura o suborno? não continuará o mesmo estado de cousas? Eis a razão porque eu quando ouço attribuir os nossos males ao que d'elles me não parece a causa, entendo que devo enunciar a minha opinião contraria, seja ou não favoravel ao governo. Eu estou convencido de que á outra causa se deve imputar esse mal, que todos reconhecem. Quando se diz: — reforme-se a constituicão do estado para cessar o mal, — eu, que não considero que a liberdade que a constituição do estado deixou aos eleitores, seja a causa do mal, devo oppôr-me a esta proposição, além de outras razões, porque estou convencido de que não convem tocar na constituição a cada passo, de que não convem promover ainda mais a instabilidade das nossas cousas.

Quando eu, em outra sessão, disse que convinha recrutar mais nas provincias que acabavão de soffrer rebelliões e sedições, não queria que fossem recrutaveis todos os habitantes d'essas provincias: a minha opinião era que fossem recrutados só os que erão recruveis. Mas o nobre senador, contrariando esta opinião, suppoz, que n'essas provincias não havia recrutaveis senão um numero igual de recrutas ao que acabou essa provincia de dar para o exercito, quando eu estou convencido de que, em algumas provincias, além do numero marcado, sobrão muitas pessoas recrutaveis; por tanto, a opinião do nobre senador não condemna a minha opinião senão porque as nossas proposições são diversas. Eu supponho que uma provincia póde dar para o exercito, não só o numero de recrutas que realmente se deve exigir, mas muito maior....

O Sr. C. Ferreira: — *Verbi gratia*, o Maranhão 1213.

O Sr. Vasconcellos: — Se esses 1213 erão recrutaveis, e tinhão tomado parte na revolta, fez-se um serviço ao Maranhão em recruta-los. A minha opinião, pois, exclue o homem de 50 annos e o proprietario que se diz terem sido recrutados....

O Sr. Clemente Pereira: — É inexacto.

Alguns Senhores: — É verdade, pode-se provar.

O Sr. Paula Souza: — Eu affirmo que é exacto.

O sr. Vasconcellos: — Eu não posso emittir a minha opinião sobre o facto; mas quanto ao direito, parece-me que o governo o não offendeu quando fez recrutamento n'essas provincias.

Eu disse que nós tinhamos sempre vivido com *deficit*. Nasceu o imperio do Brasil sobre o peso de um *deficit*; em 1824 era elle de 3.600 contos; em 1825 era de 4,000....

O Sr. P. Souza: —N'esse tempo era de mais.

O Sr. Vasconcellos: — Eu estou persuadido que, se nós não tivessemos contrahido o emprestimo de Londres de 1824, as nossas circumstancias não serião hoje taes quaes são (*apoiados.*) Esse emprestimo foi a maior calamidade que podia cahir sobre a nação (*apoiados*). Desde então devia renunciar-se ás esperanças de com as rendas do imperio fazer face á sua despeza, a não haver uma marcha rapida para a prosperidade a que o Brasil póde attingir.

Além de contrahirmos sem necessidade esse emprestimo, foi grande parte d'elle esbanjado! (*apoiados*). Contrahiu-se o emprestimo, recolherão-se os fundos a uma caixa; com esses fundos forão-se pagando os juros e amortisação do emprestimo, e em quanto houve dinheiro n'essa caixa, amortisava-se a nossa divida. Mas, logo que essa desordem ou revolta de Portugal em 1828, fez applicar para as despezas portuguezas os nossos fundos na praça de Londres, cessou a amortisação da divida! Eu não entendo bem estes orçamentos; mas, como o nobre senador pareceu contrariar o que eu tinha dito em outra occasião, vou combinar a tabella da divida externa, apresentada em 1831, quando cessou a amortisação, com a tabella da divida externa que foi apresentada no orçamento deste anno...

O Sr. P. Souza: — Não sei a que vem isto.

O Sr. Vasconcellos: — Vem para mostrar que havia *deficit* n'esse tempo em que o nobre senador disse que se ia vivendo com as rendas ordinarias.

O Sr. P. Souza: — Então não se pagava a amortisação; mas tambem hoje não se paga; e por isso não entrou nos meus calculos.

O Sr. Vasconcellos: — Bem: se durante o ministerio do Sr. Manoel do Nascimento elle não tivesse tido a receita extraordinaria e muito extraordinaria de....

O Sr. Castro e Silva: — De 1,400 contos.

O Sr. Vasconcellos: —.... de 1,400 contos, nós teriamos de certo um grande *deficit*.

Senhores, quando em 1834 se distribuio a renda em geral e provincial, ficou o governo geral com um *deficit* de 1,600 a 2,000 contos. Eu dizia que era necessario attender ao governo geral; mas o nobre ministro da fazenda e o Sr. inspector geral de então dizião: —Não, não, não é necessario attender ao governo geral igualando a receita com a despeza; este *deficit* de 2,000 contos ha de ser supprido pelo augmento de renda. — E, perguntava eu: — só o governo geral ha de ter augmento de renda, não o hão de ter tambem as provincias? Mas a minha opinião não prevaleceu; distribuirão-se as rendas pelas provincias, ficando algumas com sobras consideraveis, outras com rendas iguaes á despeza, e outras com as rendas muito inferiores á sua despeza. Lembro-me que, por exemplo, o Rio de Janeiro tinha de despeza 100 a 160 contos de reis, e a sua renda tem montado a oitocentos contos de reis e mais, de maneira que eu já uma vez tive a indiscrição de dizer que um dos grandes trabalhos que pesavão sobre a assembléa provincial era descobrir meios de gastar o seu dinheiro!....

Existia pois um *deficit* desde 1823, e este devia necessariamente augmentar. Em 1834 era elle, na renda geral, de 2,000 e tantos contos pelo menos. Ora apresentou-se logo a necessidade de combater diversas rebelliões.—Houve a rebellião do Pará...disse o nobre senador:—Verdade é que não houve força que se mandasse para o Pará, mas o Pará tranquilisou-se!—Sim, tranquilisou-se; mas quantas lagrimas, quanto sangue, quantos incendios, quantos attentados se não terião poupado se se tivesse logo mandado a força necessaria para tranquilisar a provincia?!...

O Sr. C. Ferreira:—dá um aparte que não ouvimos.

O Sr. Vasconcellos:—O que eu sei é que as forças forão batidas, um general muito habil não póde nem ao menos conservar a capital da provincia! Os crimes, os attentados de que foi victima o Pará são immensos. Naõ digo que por ir a força naõ os tivesse havido; mas esses crimes e esses attentados seriaõ em muito menor numero.

Seguio-se a revolta de Matto Grosso (ou tinha precedido áquella), que tambem exigio despesas extraordinarias. Nessa occasiaõ foi necessario recorrer-se á emissão do papel, ou pôr de novo na circulação o que se tinha inutilisado. Seguio-se a revolta do Rio Grande, com que hoje lutamos, e depois veio a da Bahia. O nobre senador disse que até 1835 houve muitas alterações da tranquilidade publica no Brasil, e que todas acabarão com facilidade, porque a naçaõ acompanhava o governo....

O Sr. P. Sousa:—Com enthusiasmo!

O Sr. Vasconcellos:—Mas essas revoltas não tinhão um fim politico, não tinhão o fim de separar as provincias; todos queriaõ a uniaõ.

Seguio-se depois a rebellião do Rio Grande do Sul. Recorreu-se a todos os expedientes para tranquilisar essa provincia, e não se tranquilisou. Eu ja disse que em novembro de 1836 foi proclamada a republica de Piratinim, e a revolta da Bahia estava preparada muito tempo antes que o poder passasse ás mãos de diverso partido....Ahi existem na secretaria da justiça officios dos juizes de direito, principalmente,

segundo me lembro, do da comarca da Cachoeira, ao digno presidente da Bahia, que então era o nosso collega o Sr. Paraiso, informando-o que estava para romper uma revolta, expondo muito circumstanciadamente todos os dados que tinha para reveial-a. Portanto naõ queiramos attribuir só a uns as desgraças que o Brasil tem soffrido. Se essas desgraças teem vindo por culpa dos homens, nenhum partido se póde julgar innocente.

Senhores, tem havido desordens sob todos os governos do Brasil. Tem-se ensaiado de mudar de marcha a politica: em 1840 estavão os rebeldes nos ultimos apuros, e entendeu-se que, tendo-se proclamado a maioridade do Imperador, naõ convinha persegui-los pela força; offereceu-se-lhe uma amnistya. Foi necessaria a suspenção de armas, e os rebeldes aproveitarão essas disposições favoraveis para continuarem as suas hostilidades, e evitarem os perigos que então os ameaçavaõ. Eu não sei, portanto, como se possa diser :— É só aos homens de 1837, é só ao seu systema que se devem estes males.—Eu não sei em que o systema de 1837 differiu do systema anterior.....

O Sr. P. Sousa:—As differenças saõ mui salientes: os resultados o provão.

O Sr. Vasconcellos:—Naõ pode instituir uma discussão com triumpho. Apesar de que conheço a superioridade de suas luses, todavia declaro-lhe que, nesta parte, o nobre senador não póde triumphar. O partido de 1837 que alterações fez? Conservou todos os empregados publicos com excepção de quatro ou cinco— O que mandou para o R. G. do S.? Amnistia e força.—Que despesas fez? Diz-se que fez despesas extraordinarias. Pois bem examinem-se os balanços e vejaõse, por exemplo, o ministro do imperio e da justiça despendeu quanto lhe foi dado pela lei do orçamento; vejaõ se naõ despendeu muito menos—Naõ havia *deficit*? Entaõ já o ministro da fasenda do governo que cessou em 1837, pedia só para as despesas de sua repartiçaõ 2,400 contos; os ministros da guerra e da marinha, todos elles tinhaõ de ir apresentar-se ás camaras a pedir um credito supplementar, igual pelo menos ao que pediu o governo de 1837, de 4,500 contos; porquanto o credito apresentado em 1837 (eu o repito, porque é conveniente fixarem-se bem estas idéas), que foi só do ministerio da fasenda, era de 2,400 contos. O ministerio da guerra tinha um *deficit* consideravel; lembro-me de ter lido um officio do presidente do Rio Grande, Feliciano Nunes Pires, que disia ao ministro da guerra :—V. Ex. consignou para as despesas da guerra nesta provincia 60 contos mensaes, e eu actualmente estou despendendo 160 contos, e naõ posso faser economia alguma!—O mesmo aconteceu na marinha. Como, pois, se pode diser que essa administraçaõ augmentou as despesas publicas? quaes foraõ as despesas exorbitantes que fez essa administraçaõ?! ..Senhores, quando tratamos da salvaçaõ do paiz, melhor fora que nos esquecessemos do passado.

O Sr. P. Sousa:—O passado nos deve servir para acertar no futuro.

O Sr. Vasconcellos:—Senhores, os partidos politicos, ou a exaltação delles, tem-nos feito muito mal *(apoiados)*. Torna-nos irreconciliaveis, leva-nos a ponto que, ouvindo a verdade, duvidamos della *(apoiados)*. Eu desejava muito, não que cessassem os partidos, porque saõ necessarios; naõ que cessasse a opposição, mas que houvesse em todas mais comedimento. Assim os homens irião collocar-se no lugar em que desejaõ estar, e naõ se viriaõ, por irritação ou por caprichos, postos em situações forçadas *(apoiados)*. Se o anno passado por exemplo, quando se examinavaõ as cousas publicas, paixões fortes naõ arredassem muitos individuos poder-se-hia talvez ter seguido um caminho mais rasoavel....

O Sr. C. Ferreira:—Já vai cahindo na rasaõ.

O Sr. Vasconcellos:—O nobre senador é que naõ quer ouvir a rasaõ, naõ faz mais que propor questões irritantes, factos que fasem exaltar as paixões.

(O nobre senador accrescenta em voz baixa algumas outras palavras que naõ percebemos.)

Sr. Presidente, nós temos um *deficit* consideravel, as nossas cousas estão mal, e me parece que sem uma resoluçaõ muito forte, muito energica, o paiz não se pode salvar *(apoiados)*. Temos um *deficit* consideravel, o qual vai cada vez augmentando mais. Emitte-se papel moeda, empobrece-se o grande numero de capitalistas (disem alguns que isto é um beneficio, porque os devedores teem menos a pagar), e naõ se institue um exame sobre as nossas cousas. Ha de me perdoar o nobre senador por S. Paulo; mas, segundo a sua opinião, é facil remidiarem-se estes males....

O Sr. P. Sousa:—Naõ disse que fosse facil o remedio.

O Sr. Vasconcellos:—Eu, pelo que tenho ouvido de suas diversas proposições, concluo isto. Mas eu tenho perdido as esperanças de um melhor futuro, sem que o poder legislativo feche os olhos a milhares de considerações, e trate de salvar o paiz....

O Sr. P. Sousa:—O poder executivo.

O Sr. Vasconcellos:—Eu digo poder legislativo, porque no poder legislativo está o executivo. Quando fallo em um, considero-o trabalhando de acordo com o outro; mas em quanto pequenas considerações nos governarem, naõ teremos remedio....

O Sr. H. Cavalcanti:—É verdade.

O Sr. Vasconcellos:—Eu desejara que me dissessem que remedio temos nós. Nós devemos tantos milhões ao estrangeiro, estamos empobrecendo a naçaõ; qual será o nosso futuro?—os direitos de importaçaõ, disem alguns!.. Os direitos de importaçaõ? O que poderaõ elles produzir depois de termos empobrecido o paiz?!....

O Sr. H. Cavalcanti:—O paiz naõ está taõ pobre, a moral é que naõ é boa.

O Sr. Vasconcellos:—Essas proposições, ha de me perdoar, é que nos teem approximado ao abysmo; contando com a riquesa do paiz, temos tido muita facilidade em dar....

O Sr. H. Cavalcanti:—E tambem te nos tido facilidade em desmoralisar.

O Sr. Vasconcellos:—Tudo isto é generalidade, e com ella naõ fasemos nada; tratemos do positivo; tratemos de salvar o paiz; e eu naõ vejo que se trate nem de uma nem de outra cousa: vejo tratar-se só de accusar este ou aquelle partido, esta ou aquella idéa; mas naõ é assim que nos podemos salvar....

O Sr. H. Cavalcanti:—Sem que haja moralidade no paiz, naõ nos havemos de salvar.

O Sr. Vasconcellos:—Eu naõ duvido que a moralidade seja indispensavel; é um elemento de toda a ordem social; mas o que desejo é que se prove que se tem tratado de desmoralisar a naçaõ....

O Sr H. Cavalcanti:—Tem.

O Sr. Vasconcellos:—Naõ sei como isso se possa demonstrar.

Sr. presidente, pelo que tenho dito, parece-me que posso concluir que a força do nosso exercito, nas actuaes circumstancias, deve ser tal que possa vencer a rebellião, que possa defender a nossa fronteira, principalmente no sul; porque até já se disse nesta casa que estrangeiros tinhaõ invadido parte da provincia do Rio Grande do Sul. Eu não sei o lugar em que elles se achaõ; porque, pela desordem que tem havido em todas as nossas cousas, não sabemos ainda hoje qual é a divisa da provincia do Rio Grande do Sul com a republica do Uruguay; não sabemos qual é essa divisa, ou naõ estamos de posse de todo o terreno que nos compete pela convençaõ de 1819. Parece que houve em certo tempo ali uns arranjos com o general da republica do Urugay, pelos quaes se considerou pertencer ao Uruguay todo o territorio que fica entre o Quarahim e o Arapehy. Naõ sei se esses emigrados de Corrientes estão no termo de Alegrete, que fica entre estes dous rios; mas é certo que se diz que ha ali uns 1,500 homens, e que se suspeita que se reuniraõ aos rebeldes. Portanto, deve ter o governo todos os meios necessarios para defender aquella fronteira.

Parece-me em segundo lugar ter defendido a administraçaõ a que pertenci da imputaçaõ de ter augmentado consideravelmente a despesa publica. Pedimos creditos, é verdade; mas a administraçaõ a que succedemos já os principiava a pedir, e não serião inferiores aos que se pedirão.

Tenho explicado as outras opiniões que emitti na sessão passada; resta-me só diser duas palavras sobre as commissões militares.

Eu, Sr. presidente, naõ me lembro dos motivos pelos quaes o Sr. Carneiro de Campos propoz nesta casa que os crimes de rebellião e sedicçaõ, commettidos por militares, devião ser julgados no juizo militar; mas do que me lembro, o que tenho em vista é a letra da lei: a lei manda julgar os militares, por esses crimes no juiso militar; e as leis criminaes devem ser entendidas litteralmente. Os milicianos são considerados militares, mesmo ainda depois da lei da G. N., de maneira que até são chamados para vogaes dos conselhos de guerra, e naõ podem ser obrigados a servir na guarda nacional senaõ em serviço, que não seja, pelo menos proprio de suas patentes. Conservarão-se-lhes todas as honras e privilegios de suas patentes....

O sr. P. Sousa:—Os privilegios, naõ, senhor.

O sr. C. Pereira:—Sim, senhor, teem gosado do privilegio do fôro constantemente.

O sr. P. Sousa:—Eu fallo á vista da lei.

O sr. C. Pereira:—A lei tem sido entendida assim pela pratica.

O sr. P. Sousa:—Mas não é isto o que se deprehende della.

O sr. C. Pereira:—Esta é a intelligencia que se dá á lei.

O sr. P. Sousa:—A intelligencia que se dá a lei naõ he lei.

O sr. Presidente:—Attençaõ!

O sr. Vasconcellos:—Eu naõ estava preparado para esta discussaõ; emitto a minha opinião pelas idéas que tenho de muito tempo sobre este objecto; mas o nobre ex-ministro da guerra acaba de asseverar que a minha opiniaõ é conforme á intelligencia que sempre se deu a essa lei; portanto naõ intento justificar-me mais a tal respeito.

Eu quisera que o Sr. ministro da guerra tivesse toda a força necessaria para salvar as instituições do paiz, que se achaõ ameaçadas; mas entendia que 20,000 praças de primeira linha dispensarião a G. N. do serviço extraordinario em que se acha empregada. Mas o nobre ministro da guerra, em outra occasião, disse que naõ era possivel dispensar-se a G. N. na provincia do Rio Grande do Sul, porque nos faltaria cavallaria, arma a mais necessaria naquella guerra. Nesse caso, eu entendia que se devia diminuir na força de primeira linha tantas praças, quantas da G. N. fossem empregadas na provincia do R. G. do Sul. Assim parecia-me conciliar as duas opiniões; dava-se ao governo as 20,000 praças. Elle precisa de cavallaria propria para combater no Rio Grande do Sul, não tinha esta cavallaria senão na G. N.; portanto conserva essa cavallaria, augmenta-a mesmo, se for necessario, e reduz na força de linha um numero de praças igual ao de guardas nacionaes. Deste modo julgo que ficaria o governo habilitado para desempenhar a alta missão de que está incumbido.

Tambem naõ sei o que quer diser força fóra de linha, ou a rasão porque o governo naõ quer conservar as forças fóra da linha. Naõ entendo como élle pretende empregar um corpo de linha no serviço que até ao presente fasiaõ os pedestres, ou divisão, ou corpos fóra da linha. Parece-me que a organisaçaõ de taes corpos deve ser muito diversa, que taes homens naõ podem estar sujeitos á mobilidade do exercito, que devem estar collocados nos logares onde teem um serviço permanente, porque tem muito que faser. Na provincia de Minas Geraes, por exemplo, esses corpos fóra da linha, que em outro tempo tinhão o nome de divisões, occupavão-se em abrir estradas para os pontos mais importantes, em faser roças para sustentar os Indios, e em defender os cultivadores contra as aggressões dos mesmos Indios. Bem se vê que um corpo de linha naõ póde desempenhar estas funcções; alem de que, estes corpos saõ divididos em mui pequenos destacamentos, commandados por sargentos ou cabos de esquadra. Eis como se empregaõ estes corpos; mas tem-se entendido o contrario; baptisaraõ-os em corpos do exercito fóra da linha, e agora já nem isto se quer; e talvez assim se comprometta muito a tranquilidade das provincias em que ha Indios offensivos.—Voto pelo artigo. »

DIARIO DE PERNAMBUCO.

O vapor *S. Salvador* chegou hoje (17) dos portos do Norte e deixou as provincias, em que tocou, em tranquillidade. Esta barca tendo soffrido algum desarranjo em suas maquinas traz uma viagem muito longa: na sua ida para o Norte demorou-se 3 dias no Ceará, e 5 no Maranhão, donde sahio para o Pará a 14 d'abril, e onde entrou de volta no dia 24: d'ahi sahio para o Sul a 26, mas arribando áquelle mesmo no dia 29 seguio de novo para o Ceará no dia 4 de maio. A pezar da deterioração de suas maquinas depois de alguns reparos, achar-se-há em estado de seguir para os portos do Sul.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 17.......... 8:319$223

Descarregão hoje 18.

Brigue — *Jozephina* — o resto.
Barca — *Felice* — carvão.
Barca — *Venezia* — farinha, azeite, sabão, e feijão.
Barca — *Prescilla* — fazendas.
Brigue — *Thomaz Bathersey* — maquinismo, e taxas de ferro.
Brigue — *Sophia* — carvão de pedra.

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 16.

Cutinguiba; 5 dias, patacho norueguense *Argo*, de 135 toneladas, capitão Frederick Holst, equipagem 7, carga assucar; a Le Breton Schramm & C.ª

Mar Pacifico, tendo sahido de S. João á 40 mezes; galera ingleza *Java*, de 419 toneladas, capitão Griffils Lane, equipagem 29, carga azeite de peixe; ao capitão.

Rio de Janeiro; 20 dias, patacho brazileiro *Aurora Feliz*, de 140 toneladas, capitão Manoel Balbino de Freitas, equipagem 12, carga carne secca; a Manoel Joaquim Pedro da Costa.

Sahido no dia 16.

Falmouth; brigue inglez *Francklim*, capitão J. Cumming, carga assucar.

Navios entrados no dia 17.

Pará, Maranhão, e Ceará; 20 dias, sendo do segundo porto 10, e do ultimo 5, vapor brazileiro *S. Salvador*, commandante Joh H. Otten, equipagem 28; a Joaquim Baptista Moreira. — Passageiros, capitão tenente R. José Ferreira, José Rodrigues Parrião, Antonio de Moura Rolim, Elias Ferreira Gomes, José Correia dos Santos, Antonio Hermenigildo de Menezes Albuquerque, Francisco Severiano de Moraes Carneiro, e Paulo Francisco, Brazileiros. — Henrique Cals, e Madame Lebertom, Francezes.

Bahia; 4 dias, brigue inglez *Vesta*, de 192 toneladas, capitão George Sheerw, equipagem 10, carga lastro; a Mc. Calmont & Companhia.

Bahia; 3 dias, galera austriaca *Fideli*, de 298 toneladas, capitão Bartholomeu Gavaqui, equipagem 11, carga lastro; á Ordem.

Dita; 3 dias, brigue inglez *Terpsichore*, de 198 toneladas, capitão Potack Colleton, equipagem 12, carga lastro; a James Crabtree & C.ª

Navio sahido no dia 17.

Rio de Janeiro; patacho brazileiro *Felicidade*, capitão José Gularte, carga diversos generos.

Edital.

Jacome Gerardo Maria Lumachi de Mello, escrivão d'alfandega, servindo de inspector da mesma, &c.

Faz saber, que no dia 18 do corrente ao meio dia na porta d'alfandega se hão arrematar em hasta publica, uma caixa com 12 ditas de perfumaria, no valor de 568 rs., impugnada pelo guarda Giminiano de Azevedo, no despacho por factura de Lenoir Puget & C. sob n. 4339, sendo o arrematante sujeito ao pagamento de direitos e expediente. Alfandega 17 de maio de 1843.

Jacome Gerardo Maria Lumachi de Mello.

Declaração.

— O arsenal de guerra compra porção de canadas de azeite de carrapato, dito de côco, espermacete em vellas, e vassouras de timbó; á quem convier compareça na sala da directoria com as competentes amostras no dia 18 do corrente as 11 horas da manhãa.

Avisos maritimos.

═ Para o Rio de Janeiro o brigue brazileiro *S. João Baptista*, para passageiros, e escravos; trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 40, ou com o capitão João Gonçalves Rocha.

— Para Maceió, segue viagem nestes dias por ter parte da carga prompta o hiate *S. José Ribamar*, quem no mesmo quizer carregar, ou ir de passagem dirija-se a bordo do mesmo fundiado defronte do trapiche do Algodão, ou no beco da Lingoeta venda de Joaquim José Rebello.

— Para a Bahia, o famozo hiate *Ligeiro*, forrado e encavilhado de cobre, e de primeira marcha, sahirá até sabado 20 do corrente; quem no mesmo quizer carregar dirija-se a Duarte V. Madail, ou á rua do Trapixe n. 32, primeiro andar.

— Para Lisboa o brigue portuguez *S. Domingos*, segue impreterive mente no dia 25 do corrente; ainda recebe alguma carga, e passageiros; trata-se com o seu consignatario Thomaz d'Aquino Fonceca, na rua Nova n. 41, ou com o capitão Manoel Gonçalves Vianna na praça do Commercio.

Leilão.

A beneficio de uma orfãa menor.

═ O corrector Oliveira continuará Quinta-feira 18 do corrente, na rua Nova loja do relojoeiro Fatton, o leilão do espolio do finado Perret, consistindo em diversas joias para homem, e para senhora, ricos relogios de algibeira, e de cima de meza, trastes, uma camara obscura, livros, estampas, ferramentas de relojoeiro, &c. &c. Espera-se que a commodidade dos preços, e os fins deste leilão serão sufficientes estimulos para attrahir concorrencia de compradores.

Adverte-se aquellas pessoas que arrematarem alguns dos objectos no leilão, que os deverão mandar buscar e pagar na mesma loja, dentro de 3 dias.

Avisos diversos.

O ARTILHEIRO N.° 45.

Sahio hoje, e acha-se á venda.

Loteria da matriz da Boa-vista.

— As rodas desta loteria correm impreterivelmente no dia 23 do corrente, vendão-se, ou não se vendão o restante dos bilhetes, e os quaes se achão á venda nos lugares do costume.

═ O Sr. Joaquim Francisco de Paula Esteves Clemente, queira dirigir-se á rua da Matriz da Boa-vista, no primeiro andar do sobrado n. 26, que se lhe dezeja fallar.

— Logo no principio da rua do Hospicio, junto a casa do Sr. contador Lacerda, acha-se aberta uma coxeira para guardar-se carrinhos, e seges, tendo na mesma, pessoa que trate bem e concerte todos os arreios necessarios, por preço mais em conta do que em qualquer outra parte.

— A pessoa que precizar de uma ama para todo o serviço interno de uma casa, preferindo-se solteiro ou viuvo, dirija-se na rua do Torres, outr'ora Bairro baixo, casa n. 8, que achará com quem tratar.

— O Thesoureiro da socieda le Apoline roga a todos os Srs. Socios, que se achão em atraso com seus pagamentos para com a mesma sociedade, tanto de joia de entrada como mensalidades hajão de satisfazerem até o dia 25 do corrente, no caso contrario elle apresentará a commissão administrati va a lista dos seus nomes para ser executado o disposto no artigo 8 dos mesmos estatutos; outro sim roga aos Srs., que ainda não pagarão o corrente quartel, que hajão igualmente de satisfazerem visto que pelo art. 5. dos mesmos estatutos se acha vencido desde primeira de Abril.

— Quem precisar de roupa lavada, e engommada com aceio e perfeição, tanto de homem como de senhora, e por preço muito commodo, dirija-se a rua de Hortas, n. 17.

= Na rua da Conceição da Boa-vista, n. 43 deseja-se fallar com a Senhora D. Anna Maria da Conceição, filha de Maria da Conceição e de Sebastião Correia, casada com Francisco Alves Feitoza, este residente no lugar de S. Rita provincia de Maceió, ou pessoa que suas vezes faça, para se tratar de negocio de grande interesse.

— Aluga-se a meia-agoa da rua da Alegria n. 7, no bairro da Boa-vista, propria para coxeira: na rua da Cadeia do Recife, n. 37.

— Constando a abaixo assignada, que o proprietario do sobrado n. 26 sito na rua Augusta do bairro de S. Antonio, pretende vende-lo, pelo presente declara a quem quer que houver de comprar, que o dito sobrado se acha legalmente hypothecado a abaixo assignada, por uma escriptura de obrigação de debito e hypotheca e vencendo o juro na mesma escriptura estipulado. = *Justina Constança de Souza.*

Loteria de N. S. do Livramento

— As rodas desta loteria andão impreterivelmente no dia 30 do corrente, e os bilhetes achão-se a venda nos lugares ja annunciados.

– Offerece-se um Portuguez casado, com pouca familia, para caixeiro de loja de fazenda, ou de rua, ou mesmo para armazem, pois ja tem pratica de qualquer negocio, e dá fiador a sua conducta; quem precisar annuncie.

— Um rapaz brasileiro, que tem todos os preparatorios, se offerece para caixeiro de alguma casa ingleza, mesmo gratuitamente, afim de aplicar-se ao commercio; adverte-se que o mesmo tem bastantes conhecimentos da lingoa ingleza.

= Precisa-se de uma ama para uma casa de pouca familia, que saiba engommar, cozinhar e o mais arranjo de uma casa: na rua da Cadeia de S. Antonio, armazem n. 19.

= Francisco João de Barros, retira-se para Portugal a tractar de sua saude, e declara que nada fica devendo em Pernambuco além de obsequios, e obsequios que bem gravados se achão no amago do seu coração, pelo que será eternamente grato aquellas pessoas, que tão generosamente lh'os tem prodigalisado.

— Quem annunciou no Diario de 16 do corrente, querer vender ou trocar duas negrinhas de 7 a 8 annos, dirija-se a Solidade, n. 8, defronte da Igreja.

— A pessoa, que annunciou no Diario de 16 do corrente, querer trocar ou vender duas negrinhas, e uma preta de 18 annos, dirija-se a rua do Hospicio, casa que fica com frente para o muro em seguimento da casa do Padre Laurentino.

— Precisa-se de um menino de 12 a 14 annos para caixeiro: na rua Direita, n. 49.

= Miguel da Cunha tem justo e contratado a venda do seu sobrado sito na travessa do Queimado, n. 7 (outr'ora n. 2), se alguem tiver a reclamar algum direito de hypotheca, ou outra qualquer cousa, annuncie, ou dirija-se a rua da Praia, n. 32, no praso de 8 dias.

= Precisa-se fallar ao Srs. Conego Ignacio Ferreira, Antonio da Costa de Figueiredo, Salvador de Souza, e a Senhora Joaquina Maria do Rego, ou seus herdeiros: na rua Nova, loja n. 24.

= Precisa-se de uma rapaz estrangeiro, que saiba ler, escrever e contar, e que queira servir de caixeiro em um engenho, preferindo-se algum que tenha principio de officio de carpina, ou tanoeiro: na rua estreita do Rozario, n. 31, terceiro andar.

— Deseja-se fallar ao Sr. Luiz Cezar Pinto Faria a negocio de seu interesse: na rua do Livramento, n. 6.

— Aluga-se um quarto na rua da Praia, proprio para homem solteiro: a tratar na mesma rua, armazem n. 39.

— Quem precisar de um sobrado calafetado por preço commodo, dirija-se a rua do Encantamento, n. 1.

= Offerece-se um rapaz brazileiro, o qual sabe escrever, e contar soffrivelmente para caixeiro nesta praca, ou fóra della, ou mesmo para algum engenho; quem do seu prestimo se quizer utilizar, annuncie para ser procurado.

= Arrenda-se um sitio junto ao riacho Agua-fria de Bebiribe, distante desta praca uma legua, com boa caza de vivenda, padaria, e estribaria para cavallos, bons arvoredos de fructo, boas baixas plantadas de capim, banheiro no mesmo riacho, e boa lavagem de roupa, grande plantação de macacheira, mandioca, midobins, e inhames; os pertendentes dirijão-se a rua do Caldereiro casa n. 2.

— Preciza-se alugar uma casa de sobrado de um andar em qualquer das ruas principaes do bairro de S. Antonio; quem tiver queira annunciar, ou dirija-se a rua do Encantamento n. 4.

=O abaixo assignado, faz sciente ao publico que o annuncio inserido no Diario novo de 12 do corrente, sobre o acrescimo do seu nome, he falso, e nem se entende com elle, outro sim declara que o seu nome he como abaxo, e sem nenhum outro appellido.

—Perdeu-se um relogio patente Suiço de ouro, e Sabonete, desde a igreja de S. José até o meio do arial das cinco Pontas; quem o achar entregue na rua do Crespo loja n. 8., que será generosamente recompençado.

= Aluga-se o armazem, que fica junto a maré, por traz do sobrado n. 15 da rua da Cadeia de S. Antonio, o qual armazem tem grande utilidade, não só pelos seus commodos, como para recolhimento de lenha, madeira, taboas, &c.; quem o pretender, dirija-se ao segundo andar do sobrado a cima, das 9 horas da manhã as 4 da tarde.

= Alugão-se dous sitios, na campina da Casa Forte, um delles com casa nobre, recentemente edificada, estribaria, cocheira, cozinha fora, 4 quartos, e duas salas, e um vasto terreno para plantações, e pasto, povoado de arvoredos de fruto, e o outro com os mesmos commodos, mas não tem coxeira: a tractar na rua do Vigario, n. 18, ou no sitio do proprietario na estrada do Cordeiro

—Em um dos dias da semana Santa p. p. achou-se n'uma das ruas do bairro do Recife uma obra de ouro, quem se achar com direito á ella dirija-se a rua Augusta n. 50, que dando os signaes certos lhe será entregue.

= José Tavares da Gama, subdito Brasileiro, retira-se para o Rio de Janeiro.

= L.^s B.^r Durand, retira-se para a França.

= José Trilho Fontes, subdito Hespanhol retira-se para o Rio de Janeiro.

— Declara-se ao Sr. Joaquim da Annunciação Siqueira Varejão, que o annuncio que sahio no Diario n. 105, não se entende com o Sr. Varejão.

— A viuva de Antonio de Albuquerque e Mello, aviza a todas as pessoas que se julgarem credoras ao cazal do dito finado de apresentarem suas contos para serem justificadas, porque vai-se proceder a inventario.

— A casa annunciada á venda no Diario n. 106, na rua Nova n. 37, acha-se hypothecada ao abaixo assignado, por isso que faz o prezente annuncio para conhecimento dos compradores. — *Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.*

— Extraviou-se do poder do abaixo assignado um meio bilhete n.° 1883 da loteria da Matriz da Boa-vista, que tem de correr á 23 do corrente; e por isso roga-se ao respectivo thezoureiro o obzequio de não pagar qualquer premio que por ventura possa sair no mesmo bilhete, se não ao annunciante, e se fôr offerecido por venda como ha toda a desconfiança, roga-se a aprehenção. — *José Gonçalves Ferreira Roza.*

— Quem precisar de um bom cozinheiro para um botequim, do que tem bastante pratica, ou para qualquer casa particular, mesmo para tomar conta das compras, dirija-se a rua estreita do Rozario, n. 2, primeiro andar.

— Precisa-se de duas e meia canadas de muito bom leite, que possa estar ás 6 horas no botequim da Estrella, defronte do caes do Collegio.

Loteria a favor das memorias historicas.

— Não tendo podido effectuar-se o andamento das rodas desta loteria no dia 16 do corrente como se havia annunciado, por se lhe terem anteposto outras loterias, forçoso he marcar um novo dia, e este he designado para 30 de junho proximo futuro infallivelmente; achando-se os respectivos bilhetes á venda, nos lugares ja annunciados.

= João Martins da Cunha, Portuguez, retira-se para fora do imperio.

= Na rua do Collegio casa n. 16, existe uma crioula para alugar-se, para ama de casa de pouca familia, e sendo de homem solteiro melhor.

= Arrenda-se o sitio do espinheiro na estrada de Belem, com sufficiente casa, bastantes arvoredos de espinho, e outros muitos de diverças qualidades, grande terreno para plantacões, e creação de vaccas para leite; quem pertender, dirija-se ao Recife na rua da Guia casa n. 42, que achará o seo proprietario abaixo assignado. —*Silvestre Antonio de Laage.*

Compras.

— Compra-se um boi manço para carroça; quem tiver annuncie.

= Comprão-se 3 escravos, sendo dous moleques, e uma negrinha, que sejão de nação, de 8 a 12 annos: na rua de S. Rita Nova, n. 91, de manhã até as 9 horas, e das duas as 5 da tarde.

— Comprão-se uma a duas duzias de cadeiras, duas banquinhas, uma meza de meio de sala, de qualquer madeira, mas com algum uso, e um par de mangas de vidros; quem tiver annuncie.

— Compra-se o segundo tomo, ou a obra da historia Ecclesiastica; quem tiver annuncie.

— Compra-se uma geometria de Euclides; quem tiver annuncie.

Vendas

— Vende-se a muito aplaudida aria dedicada ao feliz despozorio de S. M. I., e só restaõ 15, e as excellentes modinhas, que tem por titulos = Modernos cupidinhos; os amantes de Nezazinha; pega na lira sonora; foge de minha cabana; os melindres de sinhá; amor de um bixinho; vejo teos olhos; estas peças vendem-se alguma cousa mais em conta: na rua do Cabugá, loja de Bandeira e Mello, onde somente as ha.

= Antonio de Souza Rangel, vende o seu sitio da Magdalena; quem o pretender dirija-se ao mesmo sitio, ou entenda-se com o escrivão Bandeira na rua estreita do Rozario.

— Vendem-se meios bilhetes da loteria da Matriz da Boa-vista, a 4500: na rua do Cabugá, loja de miudezas junto do Sr. Bandeira.

= Vende-se damasco roxo a 2000 rs. o covado: na praça da Independencia, n. 23.

— Vende-se uma preta de nação, de 18 annos, cozinha, engomma, e faz todo o serviço de uma casa: na rua do Cabugá, loja de miudezas junto do Sr. Bandeira, ou na rua do Aragão, n. 5.

= Vende-se um escravo do gentio de Angola, com 22 annos de idade, com os officios de carniceiro, caiador, e he bom refinador de assucar, sem vicio, e nem achaque; na rua das Trinxeiras n. 34.

= Vende-se um mulato peça, de 19 annos, official de sapateiro: na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 15, segundo andar, das 9 horas da manhã as 5 da tarde.

= Vendem-se chapeos de sol de seda o mais modernos, com cabos mui delicados, ditos de castor branco tanto para homem, como para meninos, ditos pretos francezes com bonitas formas, casemiras de todas as cores, merinó preto e azul, tapetes grandes para sala, pannos de cores de diversos preços, cambraias do bom tom para vestidos, madapolão finissimo, um completo sortimento de chitas de todas as qualidades e preços, e outras muitas fazendas tudo por preço muito vantajoso aos compradores: na rua do Queimado, loja n. 11 de A. L. G. Vianna.

– Vende-se uma tipoia com uma rede nova do Maranhão, e todos os seus pertences: na rua do Rangel, n. 52.

— Vende-se um moleque de nação Congo, de 15 annos: na pracinha do Livramento, n. 44.

= Vende-se por precisão um preto de nação Caçange, com officio de carniceiro: no atterro da Boa-vista, loja n. 48.

— Vende-se um moleque crioulo de 16 annos: nos 4 cantos da Boa-vista, n. 88.

— Vendem-se meios bilhetes da loteria da Matriz da Boa-vista, que corre no dia 23 do corrente: na rua do Collegio, loja n. 1, junto ao passo.

— Vendem-se por preço muito commodo 1500 tijolos de tapamento de boa marca, no porto da olaria: na rua de Agoas verdes n. 21.

— Vendem-se 20 vaccas paridas, umas crioulas, e outras acostumadas ao pasto, por preço commodo, a dinheiro ou a praso; na rua do Queimado, n. 4.

= Vende-se uma venda na rua do Livramento, n. 2, com muito poucos fundos, ou só com armacão, como melhor convier ao comprador: a tratar na mesma.

— Vende-se uma venda com poucos fundos, e com commodos para familia, e em um dos melhores lugares do patio do Carmo, esquina da rua de Hortas n. 1.: a tractar na mesma.

— Vendem-se uma carroça nova de carregar por baixo; e 3 pares de rodas mui fortes, proprias para carroca, por preco commodo, ou troca-se por tijolos ou telhas: na rua de Apollo, n. 32.

— Vendem-se meios bilhetes da Loteria da Matriz da Boa vista, que corre no dia 23 do corrente, a 4500; na esquina confronte ao arco de S. Antonio.

= Vende-se um negro de elegante figura, de nação, bom canoeiro; e uma porção de prata em varias obras antigas: no porto das canoas do Recife, no tanque de agoa

— Vende-se uma olaria de pedra e cal sita no lugar da camboa do Remedio, coberta de telha, e com 3 casinhas tambem de pedra e cal: na rua estreita do Rozario, n. 45.

=Vende-se uma canoa que conduz 1400 tijolos: na rua da Cruz do Recife, n. 52.

— Vende-se um costureiro de jacarandá, a moderna, proprio para qualquer senhora, e um berço de angico tambem a moderna, por preço commodo; quem quizer annuncie.

— Vende-se um escravo de 18 annos, proprio para qualquer serviço, por ser bastante robusto: na rua da Cadeia do Recife, armazem, n. 12.

— Vendem-se 5 a 6 escravos acostumados ao serviço do engenho: na rua larga do Rozario, n. 37, segundo andar.

— Vende-se superior vinho da Madeira secca, Malvasia, e Bucellas de 1832: na rua da Cadeia do Recife, n. 37.

= No atterro da Boa-vista, loja n. 34 de Joaquim José Pereira acaba-se de receber 1 novo sortimento de calçado tanto francezes, como inglezes, sendo sapatões de costura adiante, ditos de palla, e entrada alta com orelhas largas, todos taxiados, tanto para homem, como para meninos de todos os tamanhos, ditos da mesmas qualidades sem serem taxiados, sapatos de couro de lustro para homem e meninos de 10 a 14 annos, sapatos de palla adiante e atraz de couro de lustro, e de bezerro, ditos de entrada baixa de duas solas, ditos para meninos, botins e meios ditos de bezerro francez para homem, sapatos de duraque, marroquim, cordavão, e setim para senhora e meninas, sapatos de marroquim e couro de lustro com colxete, e outras muitas qualidades do calçado, que tudo se vende por preço commodo.

= Vende-se Colla fabricada em Pernambuco, a 200 rs. a libra, e a 5800 a arroba; na rua do Rangel, n. 52.

=Vende-se farinha superior da marca SSSF; e SSF, chegada agora de Veneza: na rua da Cruz, n. 55.

Escravos fugidos.

– No dia 2 do mez passado fugio a preta Maria, Congo, alta, magra, com o cabello bastante grande e torcido, tem alguns dos dedos das mãos tortos e as juntas dos mesmos enchados, levou vestido de chita côr de ganga amarella com flores grandes encarnadas, vendia de manhã em caixão pintado de verde, em cuja tampa levava linguiças, e de tarde azeite de carrapato, levando quando fugio um flandres com uma canada de dito, funil e as medidas; adverte se que pode ter cortado o cabello e mudado de vestido para melhor disfarçar-se; quem a pegar leve a travessa de S. Pedro, n. 8, junto ao sobrado em que mora o Padre Thomé da Silva Guimarães, que será gratificado.

— No dia primeiro do corrente fugio da rua da Conceição da Boa-vista, n. 18, a preta Maria, de 21 annos, de nação Angola, côr meia fulla, estatura baixa e grossa, tem bastantes espinhas no rosto, dentes limados, peitos pequenos e seccos, marcas de bechiga nas pernas, levou saia de chita cor de café com flores, panno da costa ja velho, brincos de 3 esquinas amarellos com 3 pedras azues no meio, quando sahio de casa levou um caneco de carregar agoa, e supõe-se estar oculta; quem a pegar leve a dita casa, que receberá 25,000 de gratificação.

— No dia 13 do corrente fugio o negro Domingos, de nação, com officio de serrador, de 30 annos, côr preta, altura, corpo, mãos e pés regulares, andar banzeiro, por ter sido do matto, e andava ganhando na rua, com faltas de dentes na frente e nos queixos, as faces cavadas, e no lado direito tem um signal de fistola ja muito apagada, em cima da sobranselha direita tem um talho ja sam do tamanho de uma polegada, pouca barba, falla alguma cousa discansada, levou camisa de algodãozinho, calcas de ganga azul novas, e na cabeça um barrete todo rajado, e afunilado, com uma belota na ponta, quem o pegar leve a rua Nova, armazem de trastes n. 67, que será recompensado.

RECIFE: NA TYP. DE M. F. DE FARIA.—1843